

ALOCUÇÃO INAUGURAL PROFERIDA PELO PRESIDENTE
DA COMISSÃO ORGANIZADORA

Manuel Gomes da Torre

Imperativos de vária natureza apontavam para que o Instituto de Estudos ingleses não se alheasse da passagem do 60º centenário do Tratado de Windsor.

Em primeiro lugar há a ressaltar a circunstância de termos tido conhecimento de que era desejo expresso do Prof. Fernando Mello Moser assinalar esta efeméride condignamente a nível académico. Não quis a morte que o saudoso Professor da Faculdade de Letras de Lisboa vivesse o suficiente para concretizar o seu projecto. Mas o departamento de Estudos Anglo-Americanos desta Faculdade de Letras do Porto deve tanto à acção desinteressada, extremamente humana e inexcedivelmente competente com que o Professor Moser orientou os seus assistentes e colaborou na organização dos seus estudos que assumir o encargo de organizar este colóquio se apresentou como uma obrigação irrecusável. Fazê-lo é, antes de mais, prestar uma homenagem merecida a quem gastou a sua vida universitária na promoção da cultura inglesa no nosso País.

Outro factor determinante da iniciativa que hoje começa a concretizar-se é a circunstância de existirmos no Porto, uma cidade que tem tido sempre um importante papel no âmbito das relações luso-britânicas. É verdade que o primeiro importante acto dessas relações foi a colaboração dada pelos cruzados ingleses a D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa aos mouros. Mas convém não esquecer que tinha sido aqui no Porto que tais cruzados desembarcaram e que foi o bispo do Porto que os convenceu de que tinha o mérito de cruzada o combate aos infiéis.

Foi aqui que em 1387 a sucessão de acordos celebrados entre Portugal e a Inglaterra conheceu a sua mais frutuosa concreti-

zação através do casamento de D. João I com a filha de John of Gaunt, casamento esse que, já à boa maneira tripeira, mereceu festejos populares nas ruas e praças da cidade. É verdade também que foi em Lisboa que se celebrou o Tratado de Methuen, em 1703; mas é igualmente verdade que foi a moeda de troca portuguesa, no caso o vinho do Porto, que contribuiu para contrabalançar as despesas com a importação das macias lãs britânicas, destinadas, predominantemente, a vestir os elegantes de Lisboa.

Não me arrogarei o papel de historiador para ampliar a lista das contribuições do Porto para as relações entre os nossos dois países. Outros mais preparados o têm feito e continuarão a fazer. No entanto, seria falha imperdoável não deixar aqui uma palavra para me referir à presença centenária, dinâmica e quotidiana da chamada 'Colônia Inglesa' do Porto. Estimulados, no passado e no presente, pelas oportunidades comerciais e industriais que nesta região têm encontrado, os ingleses têm o Porto semeado de sinais da sua presença. A arquitectura talvez seja o mais visível desses sinais: uns bem conhecidos, outros menos. Neste último caso está o curioso bairro operário que se encontra a escassos 15 ou 20 metros do local onde me encontro neste momento¹.

Embora em acelerado decréscimo, o número de cidadãos britânicos na área portuense é ainda considerável e mantém vivas algumas instituições e hábitos que são merecedores de estudo. Destaque natural vai para a Feitoria Inglesa, instalada no soberbo edifício da Rua do Infante D. Henrique, recheada de preciosidades em cerâmica, mobiliário e alguns quadros importantes, bem como de uma apreciável biblioteca onde a colecção de revistas antigas tem com certeza elevado interesse para os estudiosos. O almoço semanal das quartas-feiras é um episódio rotineiro para os habitués da Feitoria, mas para o visitante ocasional, que tenha o privilégio de ser convidado, tal almoço é um completo ritual de pequeninas coisas, que a cada nova visita se lhe vão revelando cheias de curiosidade: desde o modo como circula a garrafa do 'vintage' até à autorização para fumar são vestígios de práticas mais antigas, certamente muito mais variadas e ricas. Mas há ainda o Clube Inglês, onde os parciais perderam a timidez e nos vêm comer à mão, quando a cinquenta metros de distância, fora da área do clube, não se deixam sequer

aproximar. Há a prática religiosa centrada na igreja de St. James, adjacente ao cemitério onde repousam aqueles que um dia cá chegaram, que gostaram do lugar e que aqui decidiram ficar para sempre. Há, enfim, os nomes já entrelaçados com os nomes das famílias portuguesas ou a designar algumas ruas da cidade.

Todos estes elementos são aspectos importantes das relações luso-britânicas e constituem traços indelévels da presença inglesa no Porto. São também indesmentíveis testemunhos da hospitalidade com que o Porto tem recebido os cidadãos britânicos, uma tendência que a 'Velha Aliança' nos obriga a continuar.

Por tudo isto o Instituto de Estudos Ingleses tinha que assinalar o 60º centenário do Tratado de Windsor e gostaria de contar com melhor apoio das autoridades autárquicas desta cidade com vista a esta iniciativa. Não o tendo obtido, alerta porém para o que se irá passar no próximo ano para comemorar o casamento de D. João I com D. Filipa de Lancastre. Com efeito o Porto tem direitos históricos a ser designado como centro dessas comemorações, mas é preciso que para isso as autoridades locais sejam sensíveis ao interesse que poderá ter para a cidade torná-la sede dos acontecimentos. Em relação a este Colóquio, os mais altos responsáveis ficaram praticamente a dormir ou não quiseram deixar-se despertar. Tanto quanto sei esse sono irá prolongar-se no próximo ano, pois algumas iniciativas importantes estão já previstas para Lisboa, podendo o Porto beneficiar de alguma parte do programa que, por iniciativa inglesa, aqui venha cair.

A Faculdade de Letras, através do seu Instituto de Estudos Ingleses, está a cumprir o seu dever no que respeita ao Tratado de Windsor e sente que é sua obrigação lançar o alarme para o próximo ano, pedindo apenas que se não veja nisto bairrismo retrógrado ou alarmismo infundado. Que os outros saibam também assumir as suas responsabilidades.

Uma terceira razão que ditou o nosso envolvimento neste colóquio é a Faculdade de Letras do Porto ser, logo depois da de Lisboa, o maior centro difusor da cultura inglesa em Portugal. Aqui fazem os seus estudos de língua, cultura e literatura inglesas mais de um milhar de estudantes, na sua maioria candidatos a docên-

cia nas nossas escolas preparatórias e secundárias, assim se transformando em multiplicadores daquilo que aqui aprendem.

Padecendo de carências humanas e materiais de toda a ordem, o departamento de inglês, ainda relativamente jovem, tem, segundo penso, desempenhado a sua função com dignidade. Com a docência confiada quase totalmente a assistentes e assistentes-estagiários, o departamento conta já com alguns mestres e está próximo de ver alargado o seu quadro de doutores. Tal mudança vai certamente proporcionar maior dinâmica à investigação, maior apoio aos assistentes e, conseqüentemente, melhoria na qualidade de ensino.

O Instituto de Estudos Ingleses, teoricamente a entidade polarizadora dos estudos ingleses nesta casa, sofre de desesperante penúria. Ao longo da sua existência de mais de uma dezena de anos, nunca beneficiou de um centavo do orçamento da Faculdade. Não espanta por isso que o seu acervo bibliográfico seja manifestamente insuficiente. Aquilo que possui deve-se a um inicial financiamento da Fundação Gulbenkian, a ajudas da Associação Luso-Britânica do Porto e do British Council e a ofertas de editores e autores. Para cúmulo o Instituto não dispõe de funcionário próprio permanente e devidamente preparado para atendimento dos discentes e docentes que procuram apoio na sua biblioteca. Tal situação de penúria precisa de ser interrompida e eu aproveito esta oportunidade para, perante todos quantos me ouvem, fazer um apelo vigoroso ao Sr. Presidente do Conselho Directivo e ao Sr. Presidente do Conselho Científico para que nos ajudem a modificar este estado de coisas através do derrube de alguns preconceitos e a definitiva assunção de responsabilidades quanto à gestão do pessoal que nesta casa *deveria* trabalhar.

Apesar destas limitações o Instituto de Estudos Ingleses abalançou-se nesta iniciativa e fez tudo, por assim dizer, manualmente: promoveu contactos, redigiu cartas, dactilografou-as, sofreu desilusões e incompreensões, hesitou perante demoras e processos burocráticos. Mas também encontrou compreensão e apoios. Entre estes há a destacar o encorajador entusiasmo do Sr. Prof. João Marques, Presidente do Conselho Directivo, o pronto apoio material e logístico da Reitoria da Universidade do Porto, do INIC e do ICALP. Igualmente gratificante foi a contribuição de entidades com menos

obrigações em relação às coisas universitárias, mas que compreenderam a validade e a seriedade da nossa iniciativa. Refiro-me à generosa colaboração da Câmara Municipal da Régua, à companhia de vinho do Porto Cockburn, ao Banco Português do Atlântico, ao Instituto do Vinho do Porto, à Direcção-Geral do Turismo, aos Transportes Colectivos do Porto, ao Externato D. Duarte, à Comissão de Viticultura do Norte. Sem todas estas boas vontades a nossa seria impotente e não teria sido possível levarmos a bom termo o nosso projecto. Por isso o nosso muito obrigado.

Mas, na essência, este colóquio são os conferencistas. É particularmente grato poder contar com um conjunto tão notável como aquele que consta do nosso programa. Os seus nomes são garantia suficiente da qualidade das comunicações a que vamos assistir. Todavia, permitam-me os restantes, que eu deixe aqui um agradecimento especial àqueles dos conferencistas que, pelos seus próprios meios ou das instituições a que pertencem, se deslocaram do estrangeiro para nos darem contas das suas investigações. E seja-me ainda permitido que destaque de entre todos o Prof. Harold Livermore, um conhecidíssimo estudioso das coisas peninsulares (e não só no domínio da História), por ter aceitado proferir a lição inaugural deste encontro. Será uma abertura duplamente simbólica das relações luso-britânicas, dado que o Prof. Livermore, falante nativo de inglês, vai falar sobre aspectos destas relações em português. Para ele peço a atenção de V.Exas..

NOTA

- 1 - Com efeito por detrás do edifício onde se encontra actualmente a Faculdade de Letras do Porto encontra-se este bairro cujas casas modestas se caracterizam por uma traça que não é comum na arquitectura do Porto, especialmente no que respeita à configuração dos telhados, que fazem lembrar os típicos *terraced houses* britânicos.

